



A PODEROSA BORBOLETA SURDA: UMA CRIAÇÃO LITERÁRIA PARA CRIANÇAS SURDAS

THE POWERFUL DEAF BUTTERFLY: A LITERARY CREATION FOR DEAF CHILDREN

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317814032018082>

Rosana Prado

Instituto Nacional de Educação de Surdos
rosanaprado.l.m@gmail.com

Jeanie Macedo

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
jeaniemacedo3@gmail.com

RESUMO

Considerando a atual política nacional de educação inclusiva com orientação para presença de surdos em escolas regulares, preocupa-nos o desconhecimento da língua de sinais e cultura surda, assim como a escassez de materiais visuais adequados. Pensando no potencial das narrativas e da literatura surda para afirmação dessa comunidade, este artigo tem o objetivo de relatar o processo de criação de um material bilíngue composto por livro de história infantil e DVD com narrativa em Libras e em Língua portuguesa. O estudo se baseou nos pressupostos da educação bilíngue para surdos com ênfase no respeito à Libras como primeira língua e ao português como segunda língua, tendo em vista a valorização da cultura e saberes surdos. Verificou-se a importância da literatura surda para o desenvolvimento da subjetividade de crianças surdas, assim como possibilidade de que o material criado possa contribuir significativamente para divulgação e valorização da cultura surda.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Literatura Surda. Material Bilíngue. Alunos Surdos.

ABSTRACT

Considering the current national policy of inclusive education directed towards the presence of deaf people in regular schools, we are worried about the lack of knowledge of sign language and deaf culture, as well as the lack of appropriate visual materials. Taking into consideration the potential of narratives and deaf literature for the appreciation of this community, this article aims to report the process of creating a bilingual material which consists of a children's book and DVD with a narrative in Libras and in Portuguese. The study was based on the presuppositions of bilingual education for deaf people, emphasizing the use of Libras as the first language and Portuguese as a second language, aiming at the appreciation of deaf culture and knowledge. Deaf literature is considered important to the development of deaf children subjectivity, and there is a possibility that the material significantly contributes to the dissemination and appreciation of the deaf culture.

Keywords: Deaf Literature; Bilingual Material; Deaf Students.



1 INTRODUÇÃO

A inclusão educacional tem ocupado espaço importante de reflexão nas políticas educacionais em todo o mundo. O respeito às diferenças e a preocupação em atender as demandas humanas estão postas à sociedade contemporânea. No entanto, esta demanda não pode ser interpretada como, simplesmente, o cumprimento de determinações legais. A inclusão, precisa ser pensada como um princípio e como uma garantia de direitos humanos. Para tal, considerando a questão linguística e cultural relacionada às comunidades surdas, provoca-nos pensar sobre as estratégias possíveis de manutenção da língua e da cultura surda em escolas regulares inclusivas. A comunidade surda luta pelo reconhecimento de sua língua e cultura em resistência ao discurso homogeneizador da sociedade majoritária. Mesmo considerando que a Língua Brasileira de Sinais/Libras é reconhecida pela legislação brasileira sabemos o quanto: “A ênfase na dimensão centralizadora de uma cultura universal tem impossibilitado que crianças surdas possam ter uma inserção em processos culturais existentes em comunidades de surdos”. (Karnopp, 2006,p.99).

Vivemos em um mundo em que os interesses da cultura universal se não impossibilitam, dificultam a produção e valorização de uma cultura das minorias como é o caso dos indivíduos surdos. De acordo com Karnopp (2008, p.4) “A cultura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais e recuperar suas histórias reprimidas”. As narrativas dos surdos mostram que a cultura surda sobrevive em nossa sociedade e deseja imprimir novos sentidos e valores até então inexistentes na cultura ouvinte. O reconhecimento de valores, hábitos e costumes transmitidos de geração para geração é essencial para a sobrevivência de um povo. A literatura surda vem resgatar essa identidade do povo surdo e trazer a perspectiva da sobrevivência das narrativas surdas ao longo da história.



Da mesma maneira que as narrativas orais foram significativas na formação das culturas e no início das produções literárias das comunidades ouvintes, os relatos de pessoas pertencentes às comunidades de surdos também se valeram da possibilidade de transmitir, por meio da língua de sinais, as informações, histórias, piadas e outros aspectos da cultura dessa comunidade por meio da “Sinalidade”, termo utilizado para identificar “a produção linguística sinalizada das comunidades surdas, em substituição ao termo oralidade” (MOURÃO 2011, p.19).

A sinalidade presente na comunidade surda, por meio das narrativas em Libras, é um importante veículo das informações, dos valores e da maneira como os surdos se reconhecem no mundo. Essas narrativas se constituem na principal maneira de transmitir valores do povo surdo e possibilitar que as novas gerações se identifiquem por meio da representação cultural como são mostradas e/ou contadas pelas pessoas surdas.

Considerando a importância e a necessidade da transmissão de valores culturais de geração para geração de surdos, pensou-se na escassez de oportunidades e de materiais disponíveis para o estímulo e fortalecimento da cultura surda nas escolas. Na perspectiva de privilegiar a criação e divulgação dessa cultura fez-se necessário refletir sobre o conceito de literatura surda. Para essa definição, Karnopp (2006, p.102) afirma que:

Utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo linguístico e cultural diferente.

Assim, percebe-se uma definição de literatura atrelada a uma questão linguística e cultural que se distancia da ideia de deficiência, para assumir um



lugar de afirmação da diferença. Ainda de acordo com Karnopp (1989 p.102 apud STROBEL, 2009, p.61):

Literatura surda é uma literatura que respeita a cultura surda e suas identidades, é feita pelo surdo, com histórias de surdos e voltada para o público surdo. Faz-se necessário viabilizar uma produção em forma de imagens para criar condições que atendam a característica visuo-espacial do surdo.

Portanto, foi com base nessa perspectiva de literatura, que surgiu a inquietação no que se refere à escassez de materiais pedagógicos disponíveis sobre a cultura surda para ser utilizado com crianças surdas em escolas inclusivas. Na busca por atender as demandas da diversidade, as escolas inclusivas têm se deparado com algumas dificuldades e entre elas encontra-se a falta de materiais adequados para atender aos alunos surdos. Dessa preocupação surgiu a ideia de criar uma história infantil que pudesse aproximar as crianças surdas do reconhecimento e das formas surdas de perceber o mundo.

Assim, este artigo tem o objetivo de relatar o processo de criação de um material bilíngue composto por livro de história infantil e DVD com narrativa em Libras e em Língua Portuguesa nos levando a refletir sobre a importância da literatura surda. A referida história foi criada durante um curso de mestrado profissional, pensada a partir de duas autoras bilíngues (Libras/Língua Portuguesa) para ser contada para crianças surdas e ouvintes na faixa etária de 7 a 10 anos. Sendo uma das autoras surda, a contação da história passou por todo um processo de criação e expressão em Língua de Sinais, privilegiando as informações visuais e a cultura surda.

A história apresentada nesse artigo chama-se “A poderosa borboleta surda” e narra a vivência de uma lagarta surda que nasceu em família ouvinte. Por meio da contação desta história, as autoras têm a intenção de oportunizar

a aproximação das crianças surdas e ouvintes da cultura surda e das maneiras surdas de ver e estar no mundo.

2 AS CATEGORIZAÇÕES DE LITERATURA SURDA

De acordo com Karnopp (2006 apud RIBEIRO E PEREIRA 2015), a literatura surda está categorizada em três linhas de produção, podendo ser apresentada em forma de tradução, adaptação ou criação. Para compreender melhor esta questão, Taveira (2014, p.126) ao se referir a (ROSA & KLEIN, 2011) esclarece que:

Tradução cultural é clarificar para os surdos as histórias da literatura convencional por meio da LIBRAS, das expressões bem claras e da locação dos personagens bem marcadas. Exemplos: DVD do INES, como *Chapeuzinho Vermelho* (VHS 1999 e, atualmente, em DVD) e *O sapo boi* (em DVD “Seis fábulas de Esopo em Língua Brasileira de Sinais”).

Adaptação cultural é substituir o que vem a ser específico da cultura de ouvintes pelas questões da cultura, da comunidade e identidade surda, sendo que são necessárias substituições na história original das características dos personagens e dos acessórios que os acompanham. Exemplo: *Peter Pan surdo* (2003), além de, *Cinderela surda* (2003).

Criação em LIBRAS ou do texto inédito realizado notadamente por surdos e, ainda por alguns ouvintes, é que de maneira espontânea e criativa realizem “contação de histórias” e piadas próprias da comunidade surda. Exemplos: *O passarinho diferente* (1999); *Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras* (2008); *O Feijãozinho Surdo* (2009).

Assim, pode-se considerar que a tradução acontece quando um texto literário originário de outra língua é reproduzido em Língua de Sinais, para que as pessoas surdas tenham acesso às literaturas em geral. No entanto, para que esta tradução atenda às necessidades das pessoas surdas, faz-se necessário a realização de um trabalho que envolva profissionais surdos que



possam empreender o seu conhecimento da realidade, a partir das vivências surdas, garantindo que os resultados dessa interpretação se tornem representativos da cultura surda.

No caso das adaptações culturais entendemos que são histórias próprias da comunidade ouvinte que passam por modificações nos personagens principais e na ótica da narrativa de maneira a tornar não, apenas, os personagens surdos, como também o enredo compatível com os valores e hábitos da cultura surda. Para compreensão dos casos de adaptações, Mourão (2011, p.53) cita alguns exemplos de trabalhos publicados na língua de sinais como “A cinderela surda, Patinho surdo, a Rapunzel surda, Adão e Eva”. Estas podem ser consideradas narrativas da cultura ouvinte que foram trazidas para a cultura surda. Isso não quer dizer que as crianças surdas não devam ter acesso às histórias em que os personagens são ouvintes. Mas, significa que podem ter acesso a essas mesmas narrativas com a possibilidade de viver a fantasia a partir da cultura surda. Essas possibilidades são importantes para a criança surda porque em um mundo em que a realidade é ouvinte e as fantasias também são ouvintes, como ficam as possibilidades de sonhos e subjetividades surdas?

A terceira linha de produção é constituída por histórias criadas por surdos, com temas que envolvem as questões do povo surdo. Ou seja, normalmente, as criações literárias surdas são compostas por histórias inéditas, produzidas de surdos para surdos e com a temática da surdez como eixo principal. A literatura surda apresenta toda uma lógica que valoriza a visualidade do povo surdo, considera seus valores, seus hábitos e representa importante veículo para a divulgação da língua e dos saberes surdos. De acordo com Rosa & Klein (2011, p. 95):

A literatura, quando produzida por um surdo, torna-se diferente das produzidas por pessoas ouvintes. Isso se dá porque o surdo é aquele que vivencia as experiências surdas, sua



cultura e a Libras. Por mais que o ouvinte seja fluente na Libras, tenha conhecimento sobre a cultura surda e participe ativamente da comunidade, ele vai ter experiências diferentes das que os surdos têm. Por isso, o surdo geralmente tem capacidade de produzir histórias que serão mais facilmente absorvidas e compreendidas por outros surdos, e contam experiências com as quais outros surdos facilmente vão se identificar.

É possível perceber que a literatura surda se caracteriza, prioritariamente, pelo uso da Língua de Sinais e por representações que envolvem a comunicação visual. Essa maneira própria de se relacionar com o mundo, presente nas histórias, faz com que os surdos se reconheçam e se empoderem de um valor cultural. O uso da Libras vem demarcar, com orgulho, o reconhecimento de uma minoria que sobrevive à dimensão centralizadora da cultura universal. Por isso, destacamos a importância do uso da língua de sinais e da ênfase que deve ser dada à cultura surda. Santos, et al (2011, p.47) afirmam que:

A língua de sinais significada, enquanto marca surda dentro da literatura surda, é capaz de desenvolver os processos de subjetivação. Tais processos são responsáveis por desencadear elementos necessários para construção de identidade surda e, na medida em que utilizam a sua própria língua, significam as aprendizagens que vão vivenciando no contato com a comunidade surda. Isso favorece a troca de conhecimento e informações, e deve ser valorizado e reconhecido como uma forma de expressão cultural e um instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades para o povo surdo.

Aprender a Língua de Sinais e viver experiências por meio da literatura estimula as crianças surdas, para que tenham orgulho do uso de sua comunicação visual, assim como às famílias ouvintes, para que desenvolvam respeito pela Língua de Sinais das crianças surdas. Foi nessa perspectiva que

nasceu uma história infantil para surdos, apresentada em formato de livro infantil contendo ilustrações e escrita em português, acompanhado de DVD bilíngue, apresentando narrativa em Libras e em língua portuguesa oral. A seguir, serão apresentados os antecedentes deste estudo e as etapas de criação da história e do material proposto.

3 OS ANTECEDENTES DA HISTÓRIA

Este estudo se iniciou com pesquisa bibliográfica na intenção de realizar uma revisão de literatura capaz de embasar as reflexões e a construção do material bilíngue visual para crianças surdas. A teoria adotada se baseou nos pressupostos da educação bilíngue para surdos com ênfase no respeito à Libras como primeira língua e ao português como segunda língua, tendo em vista a valorização da cultura e saberes surdos. A segunda fase do estudo constituiu-se pela pesquisa de campo para verificação de materiais existentes no mercado. E na terceira fase, foram realizadas as produções inerentes à elaboração do produto como: criação da história em Libras, escrita do texto em português, criação dos desenhos para ilustração da história, filmagem em Libras, edição de vídeos e imagens.

Como havia a intenção de criação de uma história envolvendo uma família de lagartas, onde uma lagarta nasceria surda e se tornaria uma borboleta bilíngue, surgiu a necessidade de verificar a existência ou não de histórias com a mesma temática para não correr o risco de investir em uma produção sem originalidade. Então, a pesquisa para verificação de materiais existentes foi feita por meio de sites de pesquisa na internet. Inicialmente, foram digitadas as palavras: “literatura surda” e foram encontrados os livros infantis: Tibe e Joca, Cinderela Surda, a Cigarra surda e a formiga, Patinho surdo, Rapunzel surda, O feijãozinho Surdo, Adão e Eva e Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras. Nesse primeiro momento, não foi encontrada nenhuma história com a temática escolhida para nosso material.

Continuando a pesquisa foram usadas as palavras: “livros de história em Libras”. Para essa pesquisa foram encontrados os mesmo livros citados anteriormente e também algumas outras histórias infantis conhecidas na literatura ouvinte, contendo imagens com a tentativa de desenhar os movimentos da língua de sinais. Os livros apresentavam imagens da história, escrita em Língua portuguesa e desenhos de mãos sinalizando. Verificamos que esta proposta não atende à necessidade dos alunos surdos. Primeiro, porque a história não apresentava nenhuma característica da cultura surda e segundo porque a tentativa de escrita da Libras não correspondia ao registro adequado da mesma. Dessa maneira, percebemos que todos os livros encontrados nessa mesma proposta não se aproximavam de nossa intenção e nem abordavam a questão cultural surda.

Foi feita a opção, então, por pesquisar sites reconhecidos pela comunidade surda como o site da LSB vídeo e o site do Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES. No site LSB vídeo foram encontrados os DVDs Fábulas de Esopo 1, contendo as fábulas :1. A lebre e a tartaruga; 2. O sapo e o boi; 3. O lobo e cegonha; 4. A reunião geral dos ratos; 5. O leão apaixonado; 6. A queixa do pavão. E o DVD Fabulas de Esopo 2 contendo as fábulas: 1. A raposa e as uvas ,2. As gêmeas e o galo, 3. O cão e o pelicano, 4. Os pelicanos amigos, 5. O cão e seu osso, 6. O sol e o vento.

Além dos DVDs com fábulas, neste site também foi encontrado o livro digital em Libras com o título: Digital em DVD Literatura em LSB – LIBRAS, contendo o seguinte material: quatro poesias em língua de sinais brasileira, LIBRAS. São elas: Bandeira do Brasil , Natureza, Língua Sinalizada e Língua Falada, O Pintor de A a Z. Além disso, conta a fábula, O Passarinho diferente e ainda duas histórias infantis: Os Três Porquinhos e Chapeuzinho Vermelho.

Dentre os materiais oferecidos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES verificou-se a existência da coleção Educação de Surdos composta por 10 volumes. Esse material é encontrado em CD e DVD e



apresenta histórias infantis em Libras nos volumes 3, 4, 7, 9 e 10. Nas histórias podem ser encontradas as seguintes categorias: contos populares, fábulas, lendas e contos de fadas.

Por meio desta pesquisa, depois de conhecer o enredo de tais histórias, verificou-se a existência de três livros de história infantil, na categoria criação, que apresentam o surdo como personagem principal. São eles “Tibi e Jota”, “O Feijãozinho surdo” e “Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras”. Os três se apresentam em formato de livro impresso acompanhados por um CD com a contação da história em Libras.

Então, passou-se a pesquisar literatura infantil que apresentasse o personagem de uma borboleta, para depois verificar se havia alguma história com o tema “borboleta surda”. Com as palavras “história infantil borboleta” foram encontrados muitos livros impressos. Dentre eles podemos citar: A borboleta Azul, A felicidade das borboletas, No reino das borboletas brancas, A borboleta de uma asa só, A menina que queria ser borboleta, A borboleta chique, dentre outras. Com as palavras chaves “Borboleta surda” não foi encontrado nenhum livro impresso ou digital.

Tendo por base esta pesquisa inicial, em que não foi encontrado nenhum livro ou material digital com o tema borboleta surda abordando a problemática da comunicação entre filho surdo e família ouvinte em forma de literatura infantil, iniciou-se à criação da narrativa e do material didático pretendido.

4 CRIAÇÃO DA HISTÓRIA E DAS IMAGENS

Durante a criação da narrativa ficou estabelecido que a história abordaria a temática sobre uma lagarta surda que nasceu em uma família ouvinte e passou por muitos problemas de comunicação na família e na escola. Diante dos problemas, a lagarta resolve buscar respostas para suas tristezas.



Caminhando pela floresta encontra um mundo bilíngue onde todos usam Libras e sua vida se transforma. Ela aprende sinais, aprende a ler e escrever e se torna uma linda borboleta surda e bilíngue. Utilizando uma metáfora visual, na medida em que a lagarta aprende Libras suas asas vão crescendo até que ao ganhar asas, considera-se que a língua lhe proporcionou autonomia, identidade e um voo livre.

Ao criar esta história, considerou-se a importância da literatura infantil como valioso instrumento para estimular o pensamento, a imaginação e ampliação do universo e visão de mundo das crianças. De acordo com Cademartori (2010, p. 16):

A literatura infantil se caracteriza pela forma de endereçamento dos textos ao leitor. A idade deles, em diferentes faixas etárias é levada em conta. Os elementos que compõem uma obra do gênero devem estar de acordo com a competência de leitura que o leitor previsto já alcançou. Assim, o autor escolhe uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atendendo seus interesses e respeitando suas potencialidades. A estrutura e o estilo das linguagens verbais e visuais procuram adequar-se às experiências das crianças. Os temas são selecionados de modo a atender às expectativas dos pequenos ao mesmo tempo em que o foco narrativo deve permitir a superação delas

Para conseguir acessar o pensamento infantil, é importante que as informações estejam adequadas à idade e ao potencial das crianças. Nessa perspectiva, a narrativa procurou atender às necessidades de estímulos visuais das crianças surdas, além de ter sido voltada para a faixa etária de 7 a 10 anos, considerando a linguagem, o uso de imagens e Língua de Sinais.

Ainda refletindo sobre as necessidades das crianças e adequações das histórias aos interesses infantis, Paiva e Oliveira (2010, p.24) acrescentam,



A literatura infantil é arte. E como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psique infantil. Alimento, esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança.

A literatura infantil tem representado importante papel na educação e os livros infantis são muito utilizados como recurso didático para o estímulo à leitura e escrita, além do trabalho com valores, conceitos, atitudes, comportamentos entre outros conteúdos. Segundo Lajolo (2001, p. 66), “na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relação de dependência mútua”.

No entanto, é importante destacar que escolher um livro não deve ser uma ação simples e sem critérios, dada a responsabilidade com a formação das crianças. Cademartori (2010), afirma que a seleção deve começar pelo projeto gráfico que precisa atender as potencialidades de cada público-alvo. O tamanho do livro e das letras deve ser observado, assim como a qualidade e funcionalidade das imagens, tendo em vista a potencialidade de atrair o interesse do leitor. Os elementos da narrativa como personagens, trama, tempo e espaço precisam ser capazes de estimular o interesse, além de trazer informações e provocações novas.

Se toda literatura está carregada de representações do mundo, faz parte do critério de seleção de uma obra observar se a representação de mundo contida nela possibilita ao leitor antecipar possibilidades existenciais que ainda não foram experimentadas pela criança. Ainda de acordo com Cademartori (2010), podemos afirmar que as crianças não se interessam por leituras que não lhe surpreendem com algo que ela ainda não tenha pensado.

Pensando nessas questões, a criação da história aconteceu em Libras e foi registrada em vídeo caseiro para que pudesse ser assistida, avaliada e

corrigida de acordo com os objetivos traçados. Foram filmadas quatro versões da história até chegar à definitiva. A partir do vídeo caseiro foi feita a transcrição para o português, que foi utilizado na escrita do livro e na narração do português oral. Como falado anteriormente, este estudo teve a intenção de criar um material bilíngue que pudesse atingir, prioritariamente, os alunos surdos. Mas, que atendendo aos anseios da educação inclusiva, pudesse também ser acessível para alunos e professores ouvintes e, dessa maneira, aproximar a sociedade majoritária da cultura surda. Portanto, o material criado apresenta-se em vídeo com narrativa em Libras e em Língua portuguesa oral, assim como impresso em livro com imagens e língua portuguesa escrita.

Após a filmagem do vídeo caseiro de toda a história, iniciou-se filmagem em Libras em estúdio profissional. A filmagem foi realizada em blocos para facilitar, a edição e colocação das imagens. Após a primeira filmagem em estúdio profissional, iniciou-se a gravação do áudio com contação da história em português oral. Ao iniciar a gravação do áudio, percebeu-se que o texto precisava de adaptações no português escrito para respeitar a norma culta da língua e também para que a leitura ficasse mais fluente e agradável.

Com a história pronta e o texto escrito, foi feito contato com um desenhista surdo para dar início à criação dos desenhos que iriam ilustrar a história. As imagens foram criadas com intenção de atender às necessidades de compreensão visual das crianças surdas e uso da Língua de Sinais. As adequações aconteceram progressivamente com base nos vídeos gravados e no texto escrito, além da aprovação e orientação minuciosa das autoras. Devemos salientar que, logo no início do processo de criação, surgiu a necessidade de criar um sinal para a personagem principal da história. Esse sinal foi criado a partir do desejo das autoras de que a personagem deveria ter pestanas grandes. Assim, o sinal e a imagem da personagem ficaram definidos a partir dessa característica. Abaixo podemos visualizar o sinal da personagem:



Figura1-Sinal da personagem da história.
Fonte: arquivo pessoal

Percebemos, na figura anterior, que o sinal se refere às pestanas da personagem e, portanto, a imagem deveria representar essa característica. Para tal, a criação da imagem do personagem passou por algumas etapas. Abaixo podemos visualizar alguns rascunhos iniciais do desenho.

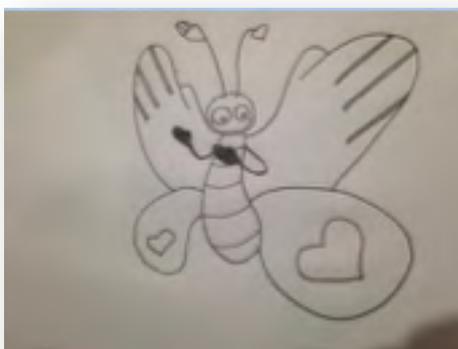


Figura 2- Desenho inicial da borboleta sem pestana, mão fechada, posição do braço errada.
Fonte: arquivo pessoal



Figura 3 - Rascunho melhorado, ainda com pestanas pequenas e posição errada do braço.
Fonte: arquivo pessoal

Nos dois primeiros desenhos podemos observar que a borboleta ainda não apresenta as pestanas grandes que deram origem ao seu sinal, além da posição dos braços não representar o sinal de “poderosa” como havia sido. Outros desenhos foram feitos e alguns detalhes das imagens não correspondiam ao que tinha sido idealizado, permanecendo a necessidade de modificações. O primeiro desenho/rascunho foi feito diversas vezes, e a seguir podemos verificar um destes desenhos já colorido:



Figura 4 - Personagem em processo de criação. Imagem ainda inadequada.
Fonte: arquivo pessoal

A apresentação visual da personagem ainda não estava agradando e também as cores foram consideradas inadequadas por não atraírem a atenção visual. Essa é uma importante questão a ser pensada na criação de qualquer material próprio para surdos. Precisa ser atraente e bem detalhado visualmente. Um comentário feito pela autora surda diante desta imagem foi: “isto não parece uma borboleta. Está parecendo uma abelha”. Percebam que o corpo da borboleta está listrado e para a autora surda isso se remeteu a ideia de abelha e não de borboleta. Então, continuaram as adequações no desenho.

Percebe-se na figura 4 que a borboleta está com os braços erguidos parecendo fazer o sinal de “forte” e não de “poderosa”. Também não agradaram as cores e o desenho do cabelo. Então, foram pedidas modificações ao desenhista até que se chegasse à imagem final apresentada na sequência:



Figura 5 - Imagem da “borboleta surda” com pestanas adequadas e fazendo o sinal de poderosa.
Fonte: arquivo pessoal

A figura 5 mostra que o desenho da borboleta mudou, passando a apresentar pestanas maiores e posição dos braços correspondente ao sinal de “poderosa”. Outra informação visual modificada foram os cabelos e as cores da

borboleta. Assim que a imagem da personagem foi corrigida, as outras cenas começaram a ser criadas e os desenhos receberam ajustes de acordo com as necessidades apresentadas ao longo do processo. Sobre a necessidade de aprimoramento visual nos apoiamos em Campello (2008, p.22), que nos esclarece com base em pesquisas e na própria experiência de pessoa surda:

A experiência da visualidade produz subjetividades marcadas pela presença da imagem e pelos discursos viso-espaciais provocando novas formas de ação do nosso aparato sensorial, uma vez que a imagem não é mais somente uma forma de ilustrar um discurso oral. O que captamos sensorialmente pelos olhos é apenas uma pista que é enviada aos sistemas neuronais e, posteriormente, esses dados, através de operações mais complexas informam nosso cérebro, produzindo sentido do que estamos vendo. Por isso, as formas de pensamento são complexas e necessitam a interpretação da imagem-discurso. Essa realidade implica re-significar a relação sujeito-conhecimento principalmente na situação de ensinar e aprender.

Assim, destacamos a necessidade de elaboração de estímulos visuais específicos para o ensino de alunos surdos e reafirmamos a importância do refinamento e cuidado na criação das imagens da história em questão. A seguir, podemos observar cenas que indicam a tristeza da lagarta em decorrência da falta de comunicação com a família:

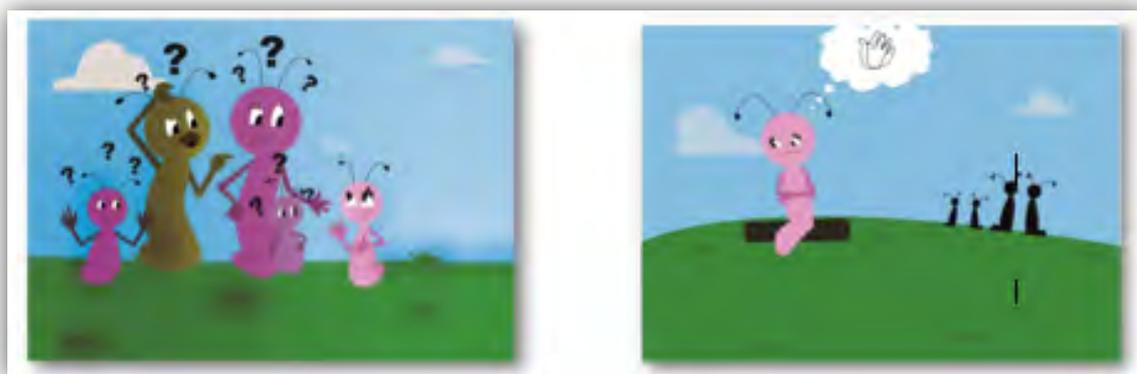


Figura 6 – Dificuldade de comunicação e tristeza da lagarta surda. Fonte: arquivo pessoal



Na figura 6, está representada a dificuldade de comunicação da família ouvinte com a filha surda e a tristeza da lagarta surda por não conseguir interagir com a família. De acordo com Kelman, et al (2011,p.353)

Os pais e mães desempenham o papel de responsáveis pela sintonia estabelecida com a criança e também por facilitar as trocas comunicativas. No processo de aquisição da linguagem, a adequação mútua nas *conversações* mantidas sobre os objetos, a troca de olhares, gestos e expressões e a incorporação da língua (gem) da criança surda por parte do adulto são alguns dos elementos que contribuem para o estabelecimento de uma experiência comunicativa fluente e satisfatória.

Assim, reconhecendo a importância de comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos, percebe-se na história um apelo da comunidade surda pelo investimento na comunicação com crianças surdas. A literatura surda vem colaborar na oferta de opção para estimular o diálogo entre pais e filhos, assim como a compreensão de que esta comunicação deve acontecer pelo canal visual.

Na figura 6, observa-se que a lagarta está pensando por imagem e o desenho da família, ao longe, representa a distância criada entre a lagarta surda e sua família. Novamente, percebe-se a carência dos surdos em relação à interação com famílias ouvintes em função da não utilização de uma língua compartilhada. Por outro lado, na figura 7, percebemos a satisfação da lagarta surda em encontrar borboletas bilíngues e a admiração pela Língua de Sinais.



Figura 7 – A Lagarta surda encontra borboletas bilíngues. Fonte: arquivo pessoal

Podemos perceber o quanto a imagem (fig.7) é significativa para os surdos e como esse desenho, feito por um surdo, consegue apresentar a expressão de admiração e ao mesmo tempo de alegria da lagarta ao encontrar borboletas que usam as mãos para se comunicar. A seguir, mais uma cena que demonstra a importância das imagens para transmitir informações.



Figura 8 - Família de lagartas espantada ao ver que a filha se tornou uma borboleta e que ela sabe ler, escrever e sinalizar. Fonte: arquivo pessoal

Na imagem anterior, (fig.8) fica nítida a expressão facial de espanto da família ao perceber que a lagarta surda se tornou uma borboleta bilíngue. O

desenho dá destaque a um dos parâmetros da Libras¹ que é a expressão facial. A figura 8 demonstra o quanto esta característica é importante para qualificar a informação para crianças surdas. Ainda na mesma imagem, a borboleta demonstra felicidade, segurança e consegue se comunicar com a família, mesmo que seja pela escrita. Mais à diante, a borboleta convence a família ouvinte a fazer um curso de Libras e na imagem seguinte, temos uma das cenas mais interessantes da história. O momento em que a família ouvinte começa a aprender língua de sinais.



Figura 9 - Família de lagartas ouvintes na aula de Libras com uma professora borboleta surda. Fonte: arquivo pessoal

Ao observar com atenção, percebe-se que a figura 9 mostra duas lagartas com pequenas asas e duas lagartas maiores ainda sem asas. Na narrativa da história consta assim:

[...]As irmãs lagartas aprenderam rápido e foram ganhando asas. Papai e mamãe tiveram um pouco mais de dificuldade, mas com esforço também ganharam asas... Logo, toda a família se transformou em poderosas borboletas bilíngues!”

¹ De acordo com Quadros e Karnopp (2004) a Libras possui cinco parâmetros. São eles: 1- configurações de mãos, 2- Ponto de articulação ou Localização, 3- Movimento, 4- Orientação da Mão e 5-Expressões não manuais. As expressões faciais estão inseridas no quinto parâmetro.

Nesse trecho fica demarcado o desejo que a comunidade surda tem de que todas as famílias de surdos utilizem a Libras na comunicação com seus filhos e, mais ainda, destaca o papel da língua de sinais em tornar os surdos poderosos, autônomos e participantes da sociedade em que vivem.

O crescimento das asas pode ser considerado uma metáfora significativa para a comunidade surda. As irmãs lagartas aprendem mais rápido e suas asas cresceram mais facilmente. Enquanto os pais apresentaram mais dificuldade e demoraram mais a ganhar asas. As asas são uma referência ao sentimento de liberdade que os surdos experimentam quando aprendem a língua de sinais. O fato das crianças ganharem asas mais rápido do que os pais é uma representação da facilidade que as crianças demonstram para o aprendizado de novas línguas.

Ao terminar a criação das imagens da história e fazer adequações nos textos escritos, restava criar uma capa para o livro e para o DVD em Libras. Abaixo observa-se três versões criadas para a capa do livro e do DVD:

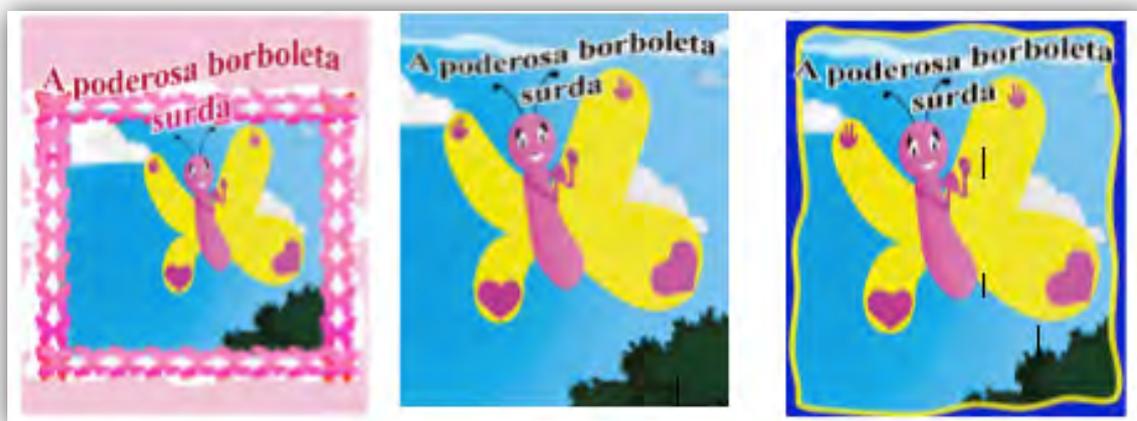


Figura 10 – Capas criadas para o livro de história. Fonte: arquivo pessoal

Foram criadas três versões para a capa do material, a partir de um mesmo desenho de fundo. As autoras acharam que o contraste de cores da terceira capa estava mais adequado e atraente. A terceira capa foi escolhida como definitiva para o material. Após a edição final das imagens e do texto, foi dado início à produção do vídeo definitivo, contendo a história em Libras com narração em Língua portuguesa oral.

A filmagem da história foi realizada em estúdio profissional com máquina profissional modelo Cânon número 7 (sete). O estúdio dispõe de fundo chorme key na cor verde e liso, com boa iluminação. A filmagem foi realizada por um profissional surdo com experiência em filmagem e edição de vídeos. A apresentadora da história utilizou blusa bege lisa, escolhida em função da cor de sua pele que é morena escura, como podemos observar abaixo em alguns momentos da filmagem do vídeo:

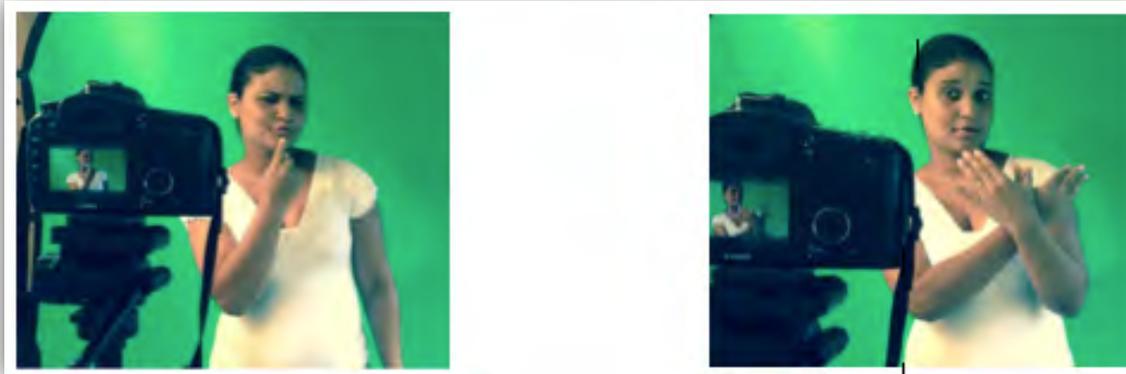


Figura 11 - Autora/apresentadora fazendo o sinal de borboleta surda. Fonte: Arquivo pessoal

A filmagem seguiu orientações de Marques e Oliveira (2012) que afirmam:

1. Fundo e Iluminação: O fundo para as filmagens deve ser branco e liso, sem desenhos, objetos ou qualquer outro item



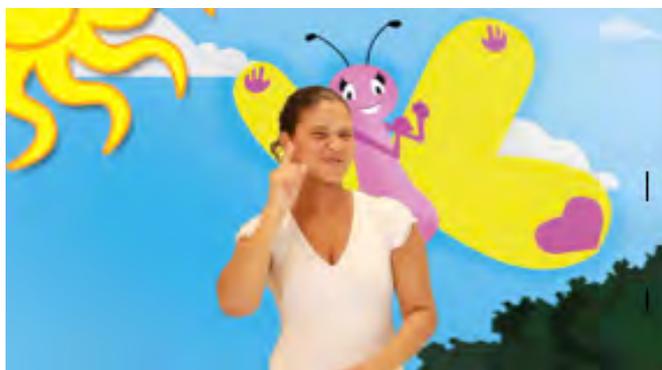
que chame a atenção. A iluminação deve ser cuidadosa, sem excesso ou carência de brilho, sombras precisam ser evitadas. 2. Vestuário: Para a sinalização devem-se usar camisetas tipo básica (T-Shirt), com mangas curtas ou longas, o decote não deve ser aberto, não deve ter estampas, formas, listras, botões ou bolsos. Para a execução do artigo fica a seguinte orientação: a - Pessoas de pele clara devem utilizar camisas com cor azul marinho para os títulos, preta para os textos e vermelha para as citações. b - Pessoas morenas ou negras devem utilizar camisas com cor bege para os títulos, cinza para os textos e vermelha para as citações².

Embora, essas orientações tenham sido destinadas a filmagens de artigos, podemos considerar que as orientações são coerentes com as disposições visuais adequadas para outras filmagens destinadas ao trabalho com a língua de sinais.

Após a filmagem foi feita a edição do vídeo. No entanto, a primeira edição não ficou boa, pois a sinalização da apresentadora aparecia ao mesmo tempo em que as imagens de fundo e isso poderia desviar a atenção das crianças para as ilustrações que são coloridas e atraentes. Ao observar as ilustrações, as crianças poderiam perder as informações sinalizadas.

Então, optou-se por colocar a apresentadora sinalizando sem adicionar as imagens ao mesmo tempo. Mas, também não ficou bom porque antes a narradora interagiu com as imagens e isso tornava a narrativa enriquecida. Em uma terceira experimentação optamos por mostrar primeiro a imagem, esperar cerca de 30 segundos para que a criança possa observar os detalhes dos desenhos e só depois inserir a narradora fazendo a contação da história em Libras e interagindo com as imagens. Esta terceira estratégia se mostrou mais adequada porque foi possível aproveitar as potencialidades das imagens e da língua de sinais. Abaixo podemos observar uma das cenas editadas:

² Disponível em:
(http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf).
acesso em



12 - Narradora fazendo o sinal "Surda". Fonte: arquivo pessoal

Após o término da edição, ao fazer a revisão, alguns equívocos foram encontrados. Um deles foi a sinalização para fazer referência à personagem principal. No vídeo final a narradora estava se referindo à personagem, desde o início da história, com o sinal de borboleta e, na verdade, durante a maior parte da história, tratava-se de uma lagarta e não de uma borboleta. Apenas, no final da história a lagarta se torna borboleta. Por isso, usar o sinal de borboleta desde o início estava inadequado.

Outro equívoco aconteceu em relação a alguns vocabulários que não se adequavam à faixa etária proposta, podendo comprometer a compreensão da história. Em função dessa característica do texto, foi feita uma nova revisão e nova filmagem para depois ser feita a edição da filmagem com as imagens de fundo como podemos observar na imagem anterior.

Após serem corrigidos os erros de gravação, passar por revisão de edição de vídeo e impressão do livro, pretende-se ter um material composto por livro impresso e DVD com história em Libras. Pensamos, também, na elaboração de uma parte didática em vídeo para apresentação dos personagens e estimulação da compreensão e interpretação da história em



Língua de sinais. No entanto, esta será uma próxima etapa a ser pensada na busca por produzir materiais didáticos visuais para alunos surdos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo foi possível verificar e afirmar a importância da criação e da divulgação da literatura surda para o empoderamento e valorização da comunidade surda, sua língua e cultura. Essas criações apresentam marcas culturais e as narrativas assumem modos de vida das pessoas surdas, promovendo uma aproximação com o universo surdo, desvinculado da imagem de deficiência ou de cultura baseada no déficit ou na falta. Ao contrário, traz para o convívio de surdos e ouvintes os valores, hábitos, práticas e olhares surdos.

É importante destacar, também, que a produção e distribuição dos materiais criados em línguas de sinais são de extrema importância, para proporcionar aos surdos a possibilidade de imaginar, criar, sonhar, construir hipóteses, entre tantas outras possibilidades. Pois, como destaca Mourão (2011, p.54) contribuem para maior criatividade daqueles que os utilizam, como se lê:

Se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com essas histórias, com textos literários (em sinais ou através de leitura), essa aprendizagem nas escolas ou em seus lares, com professores ou pais contando histórias, eles teriam mais possibilidade de imaginação, reflexão, emoção, e se tornariam como uma fábrica de histórias, de subjetividade literária, logo produzindo ideias e criatividade.

Os educadores vêm utilizando a literatura no aprendizado das crianças como meio de estimular a compreensão, a capacidade de criação, de criar hipóteses e pensar sobre o mundo. A literatura apresenta grande potencial



para estimular o interesse e o envolvimento das crianças nos processos educativos. No entanto, uma preocupação é a falta de acesso, dos alunos surdos, aos materiais literários disponíveis nas escolas e na sociedade de maneira geral. De acordo com Rosa (2006):

Ao surdo falta explorar e registrar seu imaginário e fantasia, bem como informação sobre a cultura e sua língua de sinais. Os materiais literários existentes carecem de uma maior estrutura e apoio linguístico considerando a particularidade do Surdo.

Os livros e as histórias infantis têm um papel fundamental no desenvolvimento da imaginação, na compreensão, interpretação e na criação de hipótese das crianças. No caso dos alunos surdos que desenvolvem estas potencialidades de forma visual, não adianta, apenas, apresentar-lhes os livros com imagens. É necessário que, as leituras sejam mediadas e possibilitadas por adultos que dominem a Libras e que privilegiem o uso de materiais visuais bilíngues. O estímulo dado pela escola e também pela família será fundamental para o desenvolvimento das crianças surdas. Por isso Rosa (2006,p.59) afirma:

As crianças precisam encontrar significados que ultrapassem o sentido da leitura escolar e, preferencialmente, devem trazer de casa uma relação afetiva com os livros, construída com a família através da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Dessa maneira, destaca-se a necessidade e a importância de crianças surdas terem contato com a literatura de maneira visual, acessível e mediada pela Língua de Sinais. As crianças surdas se tornarão adultos surdos e precisam se constituir pelas experiências estabelecidas com a Língua de Sinais e pela valorização de suas subjetividades surdas. Precisam participar dos jogos de imaginação, das fantasias e das narrativas de outras gerações de surdos

para que possam projetar o futuro com base nas identificações com as possibilidades de ser surdo. São as princesas surdas, os reis surdos, os soldados surdos, os sapos e príncipes surdos que estarão nos imaginários de indivíduos que um dia se tornarão os políticos surdos, os professores surdos, os empresários surdos e todos os outros surdos que constituirão uma sociedade de surdos e ouvintes. Porque a sociedade é de todos. Mas, cada um se constitui de maneira individual e por meio desta individualidade se relaciona com todos.

Se não existirem as fantasias, criações, subjetividades e possibilidades surdas, com o quê sonharão as crianças e os jovens surdos? Continuarão acreditando que ao crescerem, se tornarão ouvintes? Pois, que a valorização e a divulgação da literatura surda possa contribuir para a realização de sonhos e realidades surdas. E que possam contribuir na constituição de uma sociedade com igualdade de possibilidades na participação de todos.

REFERÊNCIAS

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** São Paulo, Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos)

CAMPELLO, A.R. e S. **Aspectos da visualidade da educação de surdos.** Tese de doutorado em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2008.

KARNOPP, L.B. **Literatura Surda.** Coleção Letras Libras. Licenciatura Letras Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:
http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em: 20/03/2016.

_____. **Literatura Surda.** ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006 – disponível em:
http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10162/ssoar-etd-2006-2-karnopp-literatura_surda.pdf?sequence=1 Acesso em 21/03/2016

KELMAN, C.A; SILVA, D.N.H; AMORIN, A.C.F; MONTEIRO, R.M.G; AZEVEDO, D.C; **Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue.** Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 349-365, maio/ago. 2011.

Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/5698>
Acesso em 05/04/2016

LAJOLO, M. **O que é literatura**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense, 1982.

MARQUES, R.R; OLIVEIRA, J.S. **A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores**. Anais do III Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 2012. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marques_oliveira.pdf . Acesso em 16/01/2016.

MOURÃO, C. H.N. **Literatura Surda**: Produções culturais de surdos em Línguas de sinais, Porto Alegre (RS). Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PAIVA, S. C. F. e OLIVEIRA, A. A. **A literatura Infantil no processo de formação do leitor**. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 22-36, jan -jun. 2010. Disponível em: <http://files.obeduc.webnode.com/2000000344f755506fd/a%20literatura%20infantil%20o%20processo%20de%20formacao%20do%20leitor.pdf> . Acesso em 23/08/2017.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre. Artmed,2004.

RIBEIRO, N. P.; PEREIRA; V.C. **A divulgação e consumo da literatura surda**: um mapeamento dos estudos acerca das produções literárias em Língua brasileira de sinais. Revista diálogos: linguagens em movimento. Ano III, N. I, jan.-jun., 2015.

ROSA, F.S. **Literatura surda**: Criação e Produção de imagens e textos. Educação Temática Digital, Campinas, V.7, N.2, p 58-64, jun. 2006. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/fabianosoutorosa/files/2012/04/1629-6197-1-PB.pdf> . Acesso em: 15/02/2016

ROSA, F. S.; KLEIN, M. **O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livros digitais**. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed ULBRA, 2011, p. 91-112.

SANTOS, A.N.;SILVA,B.G.;CARDOSO,R.R.B.; MORAES, V.P. **Diferentes usos da cultura surda na literatura**: a língua de sinais atravessada por marcas culturais e ressignificada nos processos de inclusão. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-

LAZZARIN, M. L. (Orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed ULBRA, 2011, p.41-53.

STROBEL, Karin. **As imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. 2ª. Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.



TAVEIRA, C.C. **Por uma didática da invenção surda:** prática pedagógica nas escolas-piloto de educação bilíngue no município do Rio de Janeiro. Tese de doutorado em Educação, PUC, Rio de Janeiro, 2014.

***Recebido em 21 de setembro de 2017
Aprovado em 10 de junho de 2018***